

5.

REVOLTAS, CONJURAÇÕES, MOTINS E SEDIÇÕES NO PARAÍSO DOS TRÓPICOS

O projeto de dominação colonial do Brasil foi questionado inúmeras vezes, tanto pelas elites locais — desejosas de mais autonomia política e econômica em relação a Portugal —, como por negros livres — cativos ou recém-libertos, mestiços e indígenas —, maiores vítimas do inferno das lavouras, engenhos e minas.

A primeira revolta colonial importante de que se tem notícia foi a da Cachaça, deflagrada em 1660 no Rio de Janeiro. A dura repressão das autoridades portuguesas produziu aos levantes que se seguiram um padrão de violência, muitas vezes esquecido ou ignorado pelo mito difundido entre nós, o qual supõe que nossa formação nacional sempre tenha resultado num processo pacífico e ordeiro.

Bahia, Pernambuco, Maranhão, São Paulo: as capitanias mais importantes da colônia presenciaram ao longo dos séculos XVII e XVIII cruentas irrupções de descontentamento. Os colonos se revoltaram por vários motivos: contra o rigor de uma política metropolitana que desconsiderava a realidade da colônia e lançava tributos intermináveis sem consulta; contra o abuso de poder por parte dos funcionários régios que atuavam na área colonial; contra a demora do rei na resolução dos processos de arbitragem sobre conflitos e problemas locais.

Mas essas revoltas, rebeliões, levantes e motins coloniais não chegaram a confrontar a Coroa portuguesa. Ao contrário: a linguagem dos rebeldes



5.1. *Batalha dos Guararapes*, óleo sobre tela de autor desconhecido, 1758.*

expressava estrita lealdade ao soberano, e sempre reafirmava a força simbólica da figura do rei. Nas três últimas décadas do século XVIII, no entanto, a natureza das revoltas mudou. Os colonos transformaram a ambição de autonomia e o desejo de autogoverno num novo tipo de rebelião, ao qual deram o nome de conjuração: uma conspiração política em que os participantes estão dispostos a contestar o poder do rei e a autoridade da Coroa. Seus autores foram acusados por Lisboa de um novo tipo de crime: o de inconfidência, cometido pelo súdito que se torna infiel ao seu príncipe.

A Conjuração Mineira, em 1789, foi o mais relevante movimento anticolonial da América portuguesa e pôs em dúvida o sistema colonial, adaptando para as Minas um projeto de poder de natureza republicana. Essa conjuração — às vezes nos esquecemos disso — também antecedeu a Revolução Francesa.

Vale também destacar a Conjuração Baiana, de 1798, conduzida, à diferença da Mineira, por homens pobres e mulatos que pretendiam expandir o atributo da igualdade política para toda a população livre de Salvador.

* As legendas interpretativas das autoras estão no final deste capítulo.

ATIVIDADES PROPOSTAS

1. Depois da leitura das três primeiras partes do capítulo (pp. 129-38), indique aos alunos que respondam, por escrito, às seguintes questões:
 - a. Quais convergências políticas é possível perceber na Revolta da Cachaça e nos chamados motins ocorridos em Pernambuco, Sergipe, Maranhão e Bahia?;
 - b. Quais as motivações e as consequências das chamadas Jornadas de Junho, ocorridas no Brasil em 2013? (Oriente os alunos a realizarem suas pesquisas com base nas informações dos jornais e documentos da época.);
 - c. É possível relacionar os movimentos mencionados no item *a* com aquele investigado no item *b*? Justificar a resposta;
 - d. Considerando as repressões violentas contra indígenas e escravizados, durante os séculos xv ao xix; contra os movimentos políticos do século xviii; e contra manifestações recentes, você concordaria com a afirmativa de que somos um povo pacífico? Discutir essa afirmativa criticamente.
2. Peça aos alunos que leiam o subcapítulo “As Minas insolentes” (pp. 138-40). Depois da leitura, divida a turma em dois grupos de trabalho. Ambos deverão, através de pesquisas, aprofundar o estudo sobre as revoltas ocorridas em Minas Gerais entre 1717 e 1736.

Com a colaboração do(a) professor(a) de língua portuguesa, proponha aos grupos a produção de textos jornalísticos de sua escolha (notícia, reportagem, editorial, artigo de opinião). Um grupo deverá escrever seus ensaios com uma abordagem favorável à administração metropolitana; o outro, com um enfoque favorável aos revoltosos.

Por fim, realize a leitura compartilhada dos textos e abra um debate com a turma acerca da importância da circulação de notícias no século xviii e da imprensa nos dias de hoje. Nessa discussão, seria interessante contar com a presença dos(as) professores(as) de artes, filosofia, geografia, sociologia e língua portuguesa.
3. No subcapítulo “Quando os vassallos se tornam infiéis ao rei” (pp. 140-1), as autoras apresentam e discutem a importância e a novidade (à época) da chamada Guerra dos Mascates (1710): as reivindicações dos sediciosos almejavam tornar Pernambuco independente e chegavam até mesmo a propor uma república. Converse com os alunos acerca do conceito de república no século xviii. Na sequência, promova um debate sobre os princípios republicanos desejados no passado (século xviii) e aqueles vigentes na atualidade, a partir de questões como: Somos uma república de fato? Como pode ser definido o conceito de república? Quais as dificuldades em se efetivar o republicanismo no Brasil no passado e atualmente?
4. A revolta conhecida como Inconfidência ou Conjuração Mineira (1789) apresenta um conjunto de particularidades quando comparada às inúmeras revoltas que a antecede-

ram em todo o país. Oriente a leitura do subcapítulo “Conjurações e inconfidências: Minas, 1789” (pp. 141-7), no sentido de perceber essas especificidades. Em seguida, proponha duas atividades analíticas e reflexivas:

a. Utilizando o conceito de violência como mote, discutir as formas de controle social praticadas pelas autoridades diante de manifestações de reivindicações de direitos no passado e no presente;



5.2. *Visão de Tiradentes ou O sonho de liberdade*, óleo sobre tela de Antônio Parreiras, 1926.

b. A partir da análise da imagem acima (imagem 38 do livro) e da sua respectiva legenda, discutir a criação acelerada de heróis e de vilões na iconografia e na agenda histórica brasileira. A participação do(a) professor(a) de artes é bastante importante. Fica a sugestão de convidar os alunos a ler *O romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meireles.

5. Ouça com os alunos a canção “Nosso herói”, de Tavinho Moura e Fernando Brant. Discuta com eles o que é ser um herói e o que transforma uma pessoa em um. Depois disso, proponha aos alunos analisar quem seriam os heróis e os vilões da Conjuração Mineira e da Conjuração Baiana. Peça-lhes também para pesquisar no cancioneiro popular as canções que apresentam heróis da história do Brasil.
6. Em “Salvador, 1798” (pp. 147-50), aparece uma abordagem renovada do ciclo de revoltas que ocorre na Bahia no fim do século XVIII. Há também a importância da eficácia simbólica e do uso da religião como elemento de aglutinação e propaganda de ideais e ações de sedição. A partir da leitura dessa parte do livro, combine com os alunos a realização das seguintes atividades:

- a. Pesquisar imagens das indumentárias dos revolucionários franceses à época da Revolução Francesa, a fim de se comparar as descrições oferecidas na parte lida com as imagens encontradas;
- b. Em seguida, avaliar o uso de elementos simbólicos (visuais e verbais) em movimentos reivindicatórios ao longo do século xx no Brasil e no exterior. Prestar atenção em símbolos, palavras de ordem, dísticos, cartazes e letras de músicas;
- c. Elaborar um projeto de reivindicações na escola em prol de um grupo da sociedade (indígenas, negros, população LGBT, imigrantes e migrantes, portadores de deficiências, mulheres, analfabetos etc.), criando panfletos com palavras de ordem e elementos visuais simbólicos (como os verificados na Conjuração Baiana) que reforcem a transmissão das reivindicações e a arregimentação de aliados.

LEGENDAS INTERPRETATIVAS DAS AUTORAS

5.1. As tropas holandesas e luso-brasileiras enfrentaram-se nos montes Guararapes em 1648 e em 1649. Nas duas ocasiões, as bem treinadas forças da Holanda foram derrotadas por uma milícia local formada por índios, negros e brancos da colônia portuguesa. As batalhas travadas nos Guararapes são consideradas decisivas para a expulsão dos holandeses, que ainda levaria cinco anos para se concretizar. Os henriques (ou milícias negras) — uma tropa composta de escravos e forros, representada à esq. da tela, em primeiro plano — tiveram grande destaque nos confrontos. A bravura dos soldados rendeu ao seu comandante, Henrique Dias, ele próprio filho de negros libertos, uma condecoração da Ordem de Cristo e o título de “governador dos crioulos, negros e mulatos”.

5.2. Tiradentes foi um herói sem face. A despeito de conhecermos sua importância durante a Conjuração Mineira, as imagens que guardamos dele foram todas imaginadas e produzidas a partir de fins do século XIX. Por isso, foram elas que o converteram numa espécie de Cristo — a barba, o cabelo, as vestes —, mas igualmente em herói republicano, perseguido pela monarquia. O momento era outro, e o herói também. Nesta bela tela do artista acadêmico Antônio Parreiras (Niterói, 1860-1937), Tiradentes é imortalizado como herói da República.